

Alexandre e a orientalização da Grécia: testemunhos de Teofrasto e Plutarco

Alexander and the Orientalization of Greece: testimonies of Theophrastus and Plutarch

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra
fanp13@gmail.com

Palavras-chave: Ásia, costumes, etiqueta, treino militar, conflitos culturais.
Keywords: Asia, customs, etiquette, military training, cultural conflicts.

Muitas foram as razões que justificaram, em Alexandre da Macedónia, o epíteto de ‘Magno’. Na sua figura, Plutarco pôde associar como positivos aqueles que, como biógrafo e filósofo, sempre considerou os principais factores de sucesso: a natureza (φύσις), a educação (παιδεία) e a fortuna (τύχη). Detentor de todos eles, o soberano pôde tornar-se, numa trajectória de vida muito curta, o promotor da construção de um império, que não só anexou à Macedónia a potência maior da época – o vasto território sob domínio persa –, como ousou ir além das suas fronteiras e penetrar na Ásia Central, até ao delta do Indo¹. A partir do pequeno reino balcânico, com a aliança de tropas gregas, o filho de Filipe II levava por diante uma política de expansão e dava, de facto, novos mundos ao mundo².

A campanha da Ásia, climáctica na carreira de Alexandre, representou sobretudo um exercício de coragem e uma busca de satisfação e de glória, num indivíduo dotado à partida de uma enorme impulsividade natural e também de grande determinação e bom senso. A sua personalidade requeria grandes feitos,

¹ Um certo gosto de aventura, muito conforme com a natureza de Alexandre, além da tradição da corte macedónia, frente à qual a anexação de novos territórios acumulava prestígio, poderão ter sido os principais incentivos para esta política expansionista.

² Sintetizam Gilley, Worthington (2010, p. 186): “As suas campanhas estimularam o comércio e a comunicação entre Ocidente e Oriente, registaram informação importante sobre os lugares que atravessou na sua marcha, e o Oriente por sua vez recebeu uma larga dose de civilização grega. Além disso, os Gregos do continente adquiriram um sentido de pertença a um mundo mais amplo, que ultrapassava os limites do Mediterrâneo”.

um futuro de pujança para o trono que geria e a notoriedade dos paradigmas do passado que emulava, Aquiles em primeiro lugar. Mas a este conjunto de motivações de ordem ética e política, associava-se um inesgotável desejo de saber, que Aristóteles, o mais distinto dos seus mestres, lhe incutiu para toda a vida. No seu exército, incluíam-se, além de militares e cortesãos, homens de cultura e de ciência, que ao longo desse imenso percurso foram fazendo uma análise política dos acontecimentos, comparando opções adoptadas por diferentes sociedades, reagindo ao choque cultural, olhando e registando uma outra realidade humana, geográfica e biológica que os cercava. Toda essa ‘conquista intelectual’, que acompanhava a conquista militar de novos territórios, produziu uma diplomacia de guerra e de vivência comum, que fez de Alexandre o responsável por um novo sentido para a vida grega: ao modelo *polis* sobrepunha-se, por sua acção, o de *cosmopolis*³.

É tendência generalizada nos estudos dedicados ao projecto de transversalidade cultural que movia Alexandre valorizar a helenização do oriente; porque foi por seu intermédio que o mundo grego ou, se quisermos, o ateniense em particular viu as suas barreiras derrubadas e a sua cultura e padrão de vida disseminados por um vasto mundo, onde novas cidades passaram a concorrer com as helénicas como topo do progresso e do saber. A perspectiva que escolhemos como motivo desta reflexão, porém, pretende ser exactamente a contrária, a da orientalização da Grécia que o percurso do oriente não deixou de provocar também. Como testemunhos a explorar escolhemos dois informadores com perspectivas diversas: em primeiro lugar Teofrasto, como contemporâneo do processo e possivelmente ligado por elos de proximidade com o rei que teriam resultado de uma permanência em Pela, na altura em que Aristóteles exercia, junto do então príncipe herdeiro da Macedónia, a função de tutor (342-335 a. C.). Como responsável pelo Liceu, uma das mais influentes escolas na Atenas do séc. IV a. C., Teofrasto beneficiou, para o progresso da ciência que lá se desenvolvia, como até para a sua investigação pessoal, das informações constantes que recebia da Ásia; o testemunho que nos dá é, em consequência, ilustrativo do choque de um europeu com o ecossistema africano e asiático e da adaptação a que foi sendo forçado. Por outro lado, séculos mais tarde, um dos múltiplos biógrafos de Alexandre – Plutarco – viria a relatar, numa das suas *Vidas*, a trajectória da campanha com dados de um espectro mais amplo, essencialmente focado de uma perspectiva ético-política. Assim, parece evidente do relato de Plutarco uma preocupação do conquistador em manter informados Macedónios e Gregos das suas experiências militares, contactos políticos e progressos de conquista e ocupação. Através de cartas e relatos de campanha ou de depoimentos de intermédios, a retaguarda foi sendo posta ao corrente de muitas novidades inauditas e das vitórias alcançadas, e criando de um território desconhecido uma ideia mais ou menos pormenorizada ou mesmo colhendo-lhe as influências. Muitas são as circunstâncias em que essa aproximação teve o carácter de descoberta e de harmonização política, cultural e científica. Mas algumas vezes a surpresa arrastou choques culturais que, no terreno, cavaram divergências entre Alexandre e os

³ A polémica suscitada pela relação cultural entre Macedónios e Gregos é tratada, *e. g.*, por Engels (2010, pp. 81-98).

que o acompanhavam, todos detentores de uma mesma sensibilidade europeia, mas distintos no modo de a articular com o novo contexto que os cercava.

O avanço da ciência no Liceu graças a Alexandre

Como Aristóteles dedicou uma boa parte da sua actividade científica ao estudo dos animais, sobre que produziu diversos tratados, da mesma forma Teofrasto aplicou-se no estudo da botânica, de que nos deixou um longo relato especulativo em nove livros, a *História das plantas*. Ora uma parte desse estudo – sobretudo os Livros IV e V – é dedicada às plantas exóticas de territórios não gregos, de que a informação chegou à Grécia por via indirecta, exactamente a partir dos expedicionários comandados por Alexandre⁴. Calístenes, o sobrinho de Aristóteles por exemplo, foi integrado na comitiva com a missão de recolher elementos e informações sobre os territórios percorridos e de os transmitir ao Liceu. Logo, não há grandes dúvidas de que o Perípatos ficou a dever à expedição macedónia informações sobre a Líbia, o Egipto e a Etiópia, em África, e sobre a Arábia, a Síria, Babilónia e a Pérsia, na Ásia⁵.

É notório que a ordem pela qual Teofrasto vai catalogando certas espécies botânicas não gregas, em relação com a paisagem geográfica a que correspondem, segue de perto a trajectória da campanha, tal como Plutarco a descreve na *Vida de Alexandre*. Às espécies típicas do Egipto descritas na *História das plantas* (4. 2. 1-12) correspondeu uma fase no avanço do Macedónio, que submeteu o país dos faraós à sua autoridade, fundou a famosa Alexandria e visitou o oráculo de Ámon (cf. Plut., *Alex*. 26. 4 – 27. 11), no deserto líbio. De regresso à Ásia, Alexandre seguiu uma rota sírio-palestina, encaminhando-se a seguir para a Ásia superior, até Babilónia e Susa, cidades de referência no mundo persa (cf. *Alex*. 35-36). Daí avançou por terreno iraniano (*Alex*. 45) até ao limite da sua expedição, a Índia (*Alex*. 57. 1, 58-65), que percorreu até ao delta do rio Indo. No regresso, dividiu as suas forças entre os contingentes de terra e uma armada, certamente responsável pela recolha de informações sobre a flora aquática da costa indiana (*Alex*. 66. 3-4).

Este é, nas suas linhas gerais, o percurso científico que Teofrasto nos propõe também no seu Livro IV. Provas de que as informações coligidas, nestas paisagens remotas, lhe são fornecidas por via indirecta e reproduzem um contexto florestal desconhecido estão patentes em algumas estratégias descritivas adoptadas por Teofrasto. Estes são capítulos onde prudentes ‘diz-se que’, ‘há quem diga’, ‘dizem também’ (4. 2. 12, 4. 3. 4, 4. 3. 7, 4. 4. 1) remetem responsabilidades para as fontes utilizadas; assim, para darmos um exemplo significativo (4. 7. 3):

⁴ Nawotka (2010, pp. 41-42) admite que jovens aristocratas da Macedónia partilharam com o príncipe os ensinamentos de Aristóteles e portanto se tornaram, tal como ele próprio, intelectuais qualificados. Alguns terão acompanhado o rei na campanha da Ásia, integrados no grupo dos seus Companheiros. Por seu intermédio se estabeleceu todo um suporte de conhecimentos dentro da expedição: relatórios diários sobre o evoluir da campanha, informações sobre fauna e flora locais, conhecimento de outras línguas e contacto com os filósofos da Índia.

⁵ Antes de Teofrasto, as informações de que os Gregos dispunham sobre o Egipto e a Ásia vieram-lhes sobretudo através do relato de Heródoto. Mas a campanha asiática de Alexandre veio acrescentar alguma coisa à descrição do Egipto até então divulgada e alterar por completo o conhecimento relativo ao oriente.

“*Há quem conte* – quando, na Índia, se efectuou a expedição marítima de regresso das tropas de Alexandre⁶ – que as plantas que crescem no mar, enquanto tiverem humidade, mantêm uma cor semelhante à das algas; mas quando retiradas da água e postas ao sol, em pouco tempo ficam tipo sal”. É que, mesmo em muitos casos tratando-se de informações prestadas por conhecedores, a abundância de novidades e de surpresas numa paisagem ainda desconhecida deu muitas vezes lugar à hesitação ou à controvérsia.

Mas particularmente interessante é o anonimato com que são referidas muitas destas espécies desconhecidas (*e. g.*, 4. 4. 5). Sem nome, a forma mais fácil de as trazer ao convívio dos destinatários do tratado é a comparação com espécies gregas, nos seus diversos elementos; várias referências podem abonar essa dificuldade; assim, por exemplo, a propósito do sicómoro egípcio (4. 2. 2): “O sicómoro é bastante semelhante à árvore a que cá se dá o mesmo nome”; ou 4. 2. 3, “Parece ser de natureza idêntica a esta árvore a que, em Creta, se chama ‘figueira de Chipre’”; ou ainda 4. 2. 5, “No Egipto há uma outra árvore chamada *perseia*, que, à vista, é grande e bonita e muito semelhante à pereira”. Esta é também a oportunidade para se ilustrar outras formas peculiares de vida, de acordo com habitats de características diferentes dos da Grécia. É o caso da utilização de outras ferramentas ou de diferentes modos por que são manipuladas; assim a madeira do sicómoro (4. 2. 2) “seca”, mergulhada numa fossa ou em solos pantanosos, até ficar leve e porosa; só então se considera capaz de ser trabalhada; por sua vez é específica nas suas características a madeira da tamareira do Egipto, que os Persas, durante a ocupação do país dos faraós, muito apreciavam para fabricar os pés dos leitos (4. 2. 7). Sugestivas são também algumas informações alimentares (4. 2. 9). Há as que suscitam um confronto, pela sua diferente qualidade, com produtos bem conhecidos da Grécia: “O azeite (do Egipto) não é pior do que o daqui, salvo que tem um cheiro pouco agradável, devido ao grau reduzido de sal que o caracteriza”; ou as que ilustram a aplicação gastronómica de determinados produtos (4. 2. 10): “Os habitantes da Tebaida, dada a abundância da ameixeira, secam-lhe o fruto; depois retiram-lhe o caroço, esmagam-no e fazem com ele uns doces”; ou as que informam sobre hábitos específicos de uma comunidade remota (4. 4. 5): “Há também uma outra árvore de grande porte e com um fruto extraordinariamente doce e grande. É dele que se alimentam os Sábios da Índia que não usam roupa⁸”. E surpreendentes para ouvidos gregos as referências a

⁶ Este é o momento em que o Macedónio, depois de ter atingido o delta do Indo, para efectuar o regresso dividiu as suas tropas entre um corpo de infantaria que, sob seu comando, atravessou o deserto de Gedrósia, até ao golfo Pérsico, e uma armada, comandada por Nearco, que fez o mesmo percurso por via marítima (*cf.* Plut., *Alex.* 66, 68. 1). Já acima (*História das plantas* 4. 4. 13), Teofrasto tinha referido algumas espécies observadas pela expedição terrestre.

⁷ Esta é a descrição concreta, visual, de uma realidade ainda não tecnicamente justificada; trata-se dos corais, que depois de mortos (fora de água) ficam brancos, pois o ‘esqueleto’ que lhes confere suporte é calcário.

⁸ *Cf.* Plut., *Alex.* 59. 8, 64. 1. Os Gimnosofistas, ou ‘filósofos nus’ – os Brahmins do Punjab –, a que Plutarco se refere em 59. 8 como rebeldes ao poder de Alexandre e agentes de insurreição dos reis locais, protagonizam, em 64. 1, um episódio convencional: o diálogo com um senhor poderoso a quem respondem sobre grandes questões universais. Acresce-lhe o facto de este encontro representar também o confronto de duas culturas, os valores da grega, que Alexandre representa,

plantas tão extraordinárias como “as árvores de que se confecciona a roupa” (4. 8, 4. 7. 7), ou seja, o algodão, abundante no vale do Indo⁹; ou “o chamado arroz que os Indianos semeiam e de que se faz farinha” (4. 4. 10).

Mas não só a própria descrição botânica de espécies não gregas implica o relacionamento com a célebre expedição que então decorria, como pontualmente Teofrasto faz mesmo menção a Alexandre e à forma como reagia, em situações concretas, a esse universo florestal desconhecido e, em alguns aspectos, perigoso. De várias dessas espécies e dos inconvenientes que causaram, Teofrasto dispõe de informações correspondentes a um diário de campanha. Assim, por exemplo (4. 4. 5), casos houve de intoxicação provocada pela ingestão de espécies desconhecidas: “Há outra planta ainda, com um fruto comprido, que não é direito mas retorcido e doce ao paladar. Este fruto provoca dores de barriga e disenteria; por isso Alexandre proibiu que o consumissem”. A experiência de consumo de alimentos desconhecidos terá criado necessidades de adaptação, não só aos homens, como aos animais; tal aconteceu com uma planta asiática que “quando os cavalos a consumiam, a princípio causava-lhes a morte, mas pouco a pouco foram-se habituando a misturá-la na palha e deixou de haver problema” (4. 4. 9); e no deserto de Gedrósia¹⁰, na Índia, “dizem que se dá uma espécie semelhante, pela folha, ao loureiro, que, se as bestas de carga ou qualquer outro animal a comer, em pouco tempo morrem, com uns sintomas de convulsão parecidos com os da epilepsia” (4. 4. 13). Plantas há que, além da toxicidade, escondem animais igualmente perigosos (4. 4. 13): “Dizem que nessa região há uma outra planta de tipo espinhoso, que não dá folhas e nasce de uma só raiz. Em cada um dos ramos projecta um pico muito agudo; se estes se partirem ou esmagarem, brota uma grande quantidade de seiva, que cega todo e qualquer animal e até mesmo as pessoas, se forem atingidos por alguma gota. Em certos lugares dá-se uma erva, sob a qual se enroscam umas serpentezinhas muito pequenas. Se se lhes puser o pé em cima e se se for mordido, morre-se. Pode-se sufocar se se comer tâmaras verdes, e só mais tarde se chegou a esta conclusão”. Em contrapartida, o fruto da *persea*, no Egipto, pôde ser consumido em quantidade sem qualquer inconveniente (4. 2. 5), enquanto a três espécies locais – o papiro¹¹, o *sari* e o *mnásion*

com os de uma filosofia oriental. Foi em 326 a. C. que Alexandre, em campanha pela Índia, tomou conhecimento com os Brahmanas residentes em Taxila. O fruto aqui referido é certamente a jaca.

⁹ Já Heródoto 3. 106. 3 se refere ao algodão, no séc. V a. C.; falando do extremo oriente conhecido – a Índia – diz Heródoto: ‘As árvores selvagens dão aí, como fruto, uma lã, que em beleza e em qualidade suplanta a que provém dos carneiros; é com a lã destas árvores que os Indus se vestem’. Vide (1994) *Heródoto. Histórias livro 3º*, tradução de M. F. Silva e C. Abranches, Lisboa: Edições 70. Na Grécia o algodão só foi introduzido após as campanhas de Alexandre.

¹⁰ O inventário de Teofrasto prossegue de acordo com o avanço da campanha de Alexandre, que fez a travessia do deserto de Gedrósia (Baluchistan, território preenchido pelo deserto de Makran) com os seus homens, já de regresso do limite sul da Índia; cf. Plut., *Alex.* 66.

¹¹ Sem dúvida que a popularidade do papiro como material de escrita justifica a atenção que Teofrasto dá a esta planta. Mas, curiosamente, neste caso é o valor alimentar e outras utilidades o que é sublinhado (4. 8. 4): “Mais conhecidos para quem é de fora são os rolos de papiro. Mas sobretudo esta planta tem inúmeros recursos na alimentação”. Na Grécia, provavelmente já desde o séc. VII a. C., que o papiro era usado na escrita. Registemos ainda que as descobertas proporcionadas pela expedição de Alexandre vieram a ter repercussões sobre a preferência manifesta por determinados materiais da parte dos europeus. Foi o caso de Antígono, um dos generais

– foram reconhecidos o atractivo da doçura e um elevado valor alimentar. Numa palavra, questões tão básicas como o abastecimento de homens e animais num trajecto tão longo implicou dificuldades na escolha dos produtos e exigiu uma progressiva adaptação ou reacção preventiva¹². Plutarco (*Alex.* 66. 6) associa a estas informações directas um comentário global sobre o efeito arrasador que a adversidade ambiental, em regiões tão inóspitas e desconhecidas como o deserto de Gedrósia, na Índia, teve sobre o exército macedónio: “Doenças graves, má alimentação, um calor tórrido e, principalmente, a fome tinham-nos dizimado, na travessia de uma região estéril, de populações com uma vida miserável, donas de um gado escasso e de má qualidade”. Sem a precisão de aludir a factores concretos, mas traduzindo uma imagem geral de um contexto adverso e das suas dramáticas consequências, Plutarco, como biógrafo, situa-se num plano informativo claramente diverso daquele que interessou aos homens de ciência do Liceu.

Outra situação paradigmática, por envolver uma planta de grande uso e significado religioso na Grécia, diz respeito à hera. Escudado num “também se diz que”, Teofrasto relata a cena em que Alexandre, de regresso de uma expedição na Ásia, se coroou de hera, ele próprio e o exército, certamente festejando em conjunto o achado de uma planta que na Grécia era vulgar e se considerava insígnia de Dioniso (4. 4. 1). No entanto eram conhecidas as dificuldades para fazer vingar essa planta em boa parte do oriente percorrido, por incompatibilidade entre as suas características e as do terreno. A própria raridade justifica o festejo, que para um exército há tanto afastado da pátria significaria a satisfação de um natural saudosismo.

Por fim, merece atenção o destaque dado por Teofrasto a plantas aromáticas, como o incenso ou a mirra, abundantes sobretudo na Arábia (4. 4. 14, 9. 4. 1-10). O achado de grandes produções de mirra aconteceu, de acordo com a informação transmitida a Teofrasto, por casualidade (9. 4. 4): “Disseram eles que, na navegação costeira que fizeram a partir da baía dos Heróis, desembarcaram à procura de água na montanha e assim puderam observar essas árvores e o modo de se lhes colher as seivas¹³”. E porque não havia uma vigilância eficaz, dada a honestidade dos proprietários locais uns para com os outros, os marinheiros de Alexandre puderam colher e armazenar uma boa quantidade do produto nos navios (9. 4. 5). Sobre o que viam – relação da planta com outras, qualidade do solo, maior ou menor necessidade de água – emitiram versões contraditórias, que, à distância, um técnico como Teofrasto pôde avaliar com alguma suspeita (9. 4. 8-9): “Mas é preciso ter em conta que estes informadores patenteavam sobre outro

macedónios, que, já depois da morte do rei e quando se disputava entre os seus homens o território conquistado, construiu na Síria uma armada, apetrechada com cordames de papiro, para disputar com os adversários os seus interesses (4. 8. 4).

¹² Por seu lado Plutarco (*Alex.* 23. 9) refere também o exotismo dos banquetes que, à medida que a expedição se foi apropriando dos requintes do oriente, lhe foram ficando acessíveis. Comparando a frugalidade do rei com os excessos dos seus homens, o biógrafo testemunha a disponibilização que Alexandre fazia dos “peixes e frutos exóticos” com que o presenteavam.

¹³ Trata-se, uma vez mais, de uma expedição integrada na campanha de Alexandre na Ásia. Plutarco, *Alex.* 68. 1 dá conta do plano do rei macedónio de fazer uma viagem em torno da Península da Arábia, em 324 a. C. Mas é Estrabão 16. 4. 4 quem relata este episódio concreto. O golfo dos Heróis corresponde ao actual golfo de Suez.

assunto um desconhecimento profundo, por pensarem que o incenso e a mirra provêm da mesma árvore. É exactamente por isso que a tal narrativa proveniente dos que navegaram da cidade dos Heróis é mais credível». Como complemento desta informação, Plutarco (*Alex.* 25. 6-8) narra um pequeno episódio, que serve para mostrar a surpresa que o oriente reservava, pela abundância de mirra que produzia, aos europeus, onde ela era escassa¹⁴. Com a remessa de um saque para familiares e amigos da Macedónia, Alexandre dirigia a Leónidas, um parente e seu antigo mestre, uma mensagem, lembrado do dia em que, era ele ainda um jovem, Leónidas o repreendera pela forma imoderada como gastava mirra nos sacrifícios (*Alex.* 25. 8): “Aqui te mando incenso e mirra com fartura, para que te deixes de economias com os deuses”.

No que respeita à descoberta de um ecossistema novo, Plutarco junta duas informações importantes sobre a nafta (35. 1-13) e o petróleo (57. 5-8). A nafta foi comparada com o alcatrão, mas surpreendeu pela capacidade com que se inflama e arde. Experiências várias foram feitas diante do rei para demonstrarem essa propriedade desconhecida, uma pondo em risco a vida de um jovem que, por desconhecimento e com o acordo dos que o cercavam, incluído o do rei, se untou de nafta e se transformou numa tocha viva. A tradição de Medeia e do efeito dos seus venenos foi o paralelo que surgiu na memória de alguns para traduzir, numa versão conhecida, tal novidade. A par das suas vantagens, a nafta revelava também os seus perigos a custo de danos causados pela imprudência e ignorância. Por seu lado o petróleo não causou menor surpresa; deixou Alexandre maravilhado como um líquido, que em tudo se assemelhava ao azeite, brotava de um solo onde nem oliveiras havia. Mesmo uma mente racional como a do rei não deixou de ver no achado um portento, resultante do patrocínio dos deuses para com o prosseguimento bem sucedido da sua campanha. Assim sentenciaram também os adivinhos (57. 9): “Porque o azeite é concedido pelos deuses à humanidade como um paliativo para os sofrimentos”. Como sempre, os critérios usados na interpretação do desconhecido resultavam da experiência própria e da comparação com a realidade europeia.

O testemunho de Plutarco – uma outra visão do oriente

O terreno e as acessibilidades

Em vez da informação mais objectiva e concentrada numa perspectiva concreta – a do mundo vegetal – que é a proporcionada por Teofrasto, a do biógrafo de Queroneia apoia-se sobretudo no desenho do carácter do biografado e no sentido, muitas vezes simbólico, das suas acções ou opções. Em resultado os tópicos que nos fornece, salvo muito raros pontos de coincidência, são de uma outra natureza, sobretudo militar, cultural e política. Vamos cingir-nos a alguns dos mais visíveis e significativos, nesse diálogo entre Oriente e Ocidente.

¹⁴ Pelo contrário, as fragâncias delicadas faziam parte integrante do luxo oriental. Assim, a tenda de Dario, mesmo em plena campanha, impressionava pelos aromas finos que a enchiam (Plut., *Alex.* 20. 13).

Ao focar-se nas qualidades que em Alexandre, desde muito novo, anunciavam a competência de um rei à altura dos melhores, Plutarco relata o seu primeiro encontro com uma imagem do oriente, que alertou a enorme curiosidade que já então o motivava perante um mundo desconhecido¹⁵. Na ausência de Filipe, o soberano em exercício, um ainda adolescente príncipe encarregou-se de receber, na Macedónia, uma embaixada persa. Independentemente do suporte histórico que possa fundamentar esta narrativa, o seu simbolismo é evidente: os futuros inimigos confrontavam-se pela primeira vez no que não passava ainda do vago presságio de um conflito para que o destino os tinha fadado. Nas perguntas de Alexandre, que foram muito além de uma simples curiosidade de criança – “quis informar-se sobre a extensão das estradas e o tipo de percurso para o interior, quis saber pormenores sobre o próprio rei e sobre a sua capacidade como guerreiro”, 5. 2 –, os seus interlocutores perceberam, em primeiro lugar, o quanto o filho de Filipe excedia o pai, “se comparada a sua determinação e capacidade para grandes projectos (5. 3)”. Mas além do espírito de conquista, entendido em termos gerais, Alexandre dava também conta da sua consciência da necessidade de conhecer um outro terreno e as condições de acessibilidade, no pressuposto de que teriam características próprias, e diferentes daquelas a que estava acostumado¹⁶.

Esta embaixada serve, na verdade, de proémio ao que será a experiência de Alexandre no terreno, quando, anos mais tarde, se iniciou a campanha decisiva na sua carreira de rei e militar, a que levou a cabo na Ásia. O que, na sala do trono da Macedónia, era apenas uma pergunta, encontrou resposta nas margens do rio Granico, porta de entrada para o oriente e primeira etapa no trajecto da expedição. Das palavras com que Plutarco descreve esse momento fica clara a sensatez com que a pergunta foi feita e a legitimidade de uma preocupação que a realidade só veio justificar (*Alex.* 16. 2): “A profundidade do rio, a irregularidade do terreno e a aspereza da margem oposta, que deviam escalar em pleno combate, assustaram a maioria dos Macedónios”. Estas foram, em consequência, circunstâncias que puseram à prova a impulsividade e determinação do chefe, para vencer a hesitação natural dos companheiros perante a agressividade do terreno. A natureza, desde o primeiro recontro, não se mostrava facilitadora dos propósitos da invasão europeia¹⁷, repetindo uma circunstância que a tradição tornou comum no arranque dos grandes conflitos.

¹⁵ Withmarsh (2002, pp. 186-187) vai mais longe, considerando, a partir das afinidades que Plutarco vai construindo entre Alexandre e Dioniso (2. 3, 2. 7-9), ele também oriundo da Ásia, uma espécie “de disposição genética” em relação ao atractivo do oriente.

¹⁶ Não deixa de ser sugestiva uma aproximação entre este questionário com que um europeu pretende informar-se sobre o seu futuro inimigo persa, e o que Ésquilo, em *Persas* 230-245, atribui a Atossa, dirigido ao coro de cortesãos, sobre a localização e características do inimigo que o seu filho Xerxes partiu a conquistar. O teor das perguntas equivale-se: onde vive o inimigo e como se lhe acede, quem tem por chefe e qual a sua capacidade bélica. Não nos parece defensável a historicidade da embaixada persa na Macedónia, descrita por Plutarco, antes valorizamos também o seu lado simbólico. E não podemos desconhecer o facto de que a grande motivação que Plutarco estabelece para a campanha de Alexandre contra a Pérsia é a vingança pela anterior invasão persa da Grécia; portanto a simetria na exposição adoptada pelos narradores de duas campanhas em si mesmas simétricas é natural.

¹⁷ Também neste caso, o paralelo com os *Persas* de Ésquilo é notório. Antes do confronto com o exército adversário, é o terreno, as barreiras naturais – líquidas em ambos os casos, porque a

Vencida esta primeira barreira, outras se lhe seguiram ultrapassadas com sucesso no que se tornou a marcha triunfal de Alexandre à conquista do trono da Pérsia. Um aspecto valorizado por Plutarco ao longo da sua narrativa é a alusão à correspondência assídua que o rei mantinha com os Macedónios e Gregos não mobilizados na expedição; juntamente com o diário de campanha a cargo dos seus secretários, as cartas régias registavam e davam a conhecer pormenores do avanço militar e do cumprimento das etapas de um projecto em que a todos Alexandre queria envolver. O êxito da marcha em situações particularmente difíceis, como foi a travessia da Panfília por uma faixa apertada entre o mar e as falésias da costa, deram mote a descrições fantásticas, por parte de historiadores e mesmo dos comediógrafos, como Menandro (*Alex.* 17. 6-8). O eco e a mitificação de alguns episódios, não permitidos pela sobriedade da versão régia, deixaram clara a tendência para uma leitura imaginativa e superlativada das “maravilhas do oriente e dos rasgos heróicos” de que foi cenário. Ou seja, a Grécia recebia e tratava, com empolamento, as notícias de uma campanha famosa desde o primeiro momento da sua realização. Já depois da ocupação de Susa, Alexandre pretendeu continuar a perseguição de Dario em fuga; e de novo, como nas situações anteriores, o terreno que conduzia a outras cidades reais – Persépolis e Pasárgada, nas montanhas do Irão – se mostrou difícil e rugoso, além de bloqueado pela vigilância da elite persa (*Alex.* 37. 1). A pertinência da pergunta, na altura precoce, de Alexandre aos embaixadores de visita à Macedónia continuava particularmente pertinente.

O luxo oriental e os tesouros confiscados

Além das informações, o conquistador mobilizou Macedónios e Gregos para a vitória através de presentes e da distribuição dos saques. Este foi um benefício que pretendeu, em primeiro lugar, premiar o apoio daqueles com quem partilhava o sucesso, mas também ajudar os que os aguardavam na pátria a fazer uma ideia mais concreta da dimensão das conquistas pelo volume dos despojos¹⁸. Com essas ofertas e remessas, a imagem de um oriente rico e faustoso tornava-se palpável na Europa. É claro, na narrativa de Plutarco, que o volume de bens confiscados e a generosidade da distribuição vão crescendo em paralelo com a própria importância das vitórias. Assim, a distribuição dos bens confiscados depois da batalha junto ao rio Granico foi tratada por Alexandre, de acordo com a versão da *Vida* (16. 17-19), com uma simbologia especialmente política. A esse saque, de resto, após uma inscrição, que o identificava como o produto de um esforço comum, levado a cabo por ele próprio e pelos Gregos. Aos seus aliados atenienses enviou então centenas de escudos confiscados ao inimigo¹⁹. Os bens

Xerxes se apresentou o mar como uma primeira fronteira a vencer –, o que oferece resistência ao invasor. Os cursos de água são sentidos, desde Heródoto e da sua narrativa sobre a invasão persa da Hélade, como o tampão de segurança a preservar a independência natural dos dois lados do Egeu.

¹⁸ Naturalmente esta medida tinha um alcance antes de mais político. Premiar os aliados da Macedónia nas cidades gregas era uma forma de reforçar o domínio de Filipe e mais tarde de Alexandre sobre a Grécia.

¹⁹ Cf. 34. 3 e as ofertas destinadas por Alexandre aos Sicilianos pelo contributo dado na resistência aos Persas em Salamina.

de consumo – taças e tecidos de púrpura – remeteu-os de presente a Olímpia, a mãe²⁰. Na verdade, estava em causa mais o simbolismo do que o valor dos bens, representativos do oriente, é certo, mas ainda em dimensão modesta.

Um confronto mais nítido com o aparato oriental, representado pela tenda abandonada por Dario em fuga, seguiu-se à batalha de Isso, e, por não ser exportável, serviu sobretudo de imagem do oriente para os que o puderam presenciar de perto, as tropas e o rei macedónio. Ficou claro, pela surpresa causada, quanto o luxo asiático era estranho à frugalidade europeia. Antecipando-se à generosidade do rei, os seus homens tomaram a iniciativa de saquear “os tesouros do acampamento dos bárbaros, em quantidades surpreendentes” (20. 11); e, mesmo assim, Plutarco tem o cuidado de alertar para o facto de os bens que acompanhavam a expedição persa serem apenas uma parte, tendo ficado muito coisa armazenada em Damasco. Surpreendido com o fausto do rival, Alexandre não se identificou ou vangloriou com a propriedade de tantos tesouros; continuou a olhá-los, apesar de terem passado para a sua posse, como de Dario. E registou, através de uma descrição que Plutarco marca de traços ditados pela fantasia europeia, uma outra forma de reinar, que evidentemente não era a que conhecia nem a que praticava (20. 13): “Ao ver as banheiras, as bacias, os jarros, os vasos, os frascos de perfume, tudo de ouro e finamente decorado, e a tenda aromatizada com as mais finas essências e aromas, e depois de a percorrer, de uma altura e amplitude fantásticas, e de ver as mantas, as mesas, os manjares verdadeiramente espantosos, voltou-se para os amigos e comentou: «Isto sim, suponho eu, é o que se chama ser rei!»”²¹.

Se já o espectáculo da tenda de Dario os tinha fascinado, a distribuição dos bens armazenados pelos Persas em Damasco deu bem a imagem da reacção dos europeus às riquezas do oriente (24. 3): “Foi essa a primeira vez que os Macedónios experimentaram o sabor do ouro, da prata, das mulheres e do luxo bárbaro; a partir de então eram como cães, mal lhes farejavam o rasto, a perseguir e a abocanhar a riqueza persa”. Rapidamente, portanto, os exageros do oriente contaminaram e transtornaram a maior sobriedade da cultura europeia. A liberalidade demonstrada por Alexandre no terreno, que não punha freio à ambição dos seus, permitiu também que a mesma contaminação penetrasse directamente em território macedónio, com as generosas ofertas que para lá exportava (25. 6): assim, depois da batalha de Gaza, “o rei enviou grandes porções do saque a Olímpia, a Cleópatra e aos amigos; remeteu também a Leónidas, o seu tutor, 500 talentos de incenso e 100 de mirra”. Por fim, depois de Gaugamelos, que o consagrou como vitorioso sobre Dario e lhe garantiu o trono da Pérsia, Alexandre como que institucionalizou a sua generosidade; não se limitou, desta vez, a consentir o saque ou a presentear os companheiros e amigos com bens ou

²⁰ Olímpia foi muitas vezes destinatária das ofertas de Alexandre; cf. 39. 12.

²¹ Na verdade o rei persa – a que os Gregos designavam por Grande Rei – impunha-se por uma enorme autoridade, dadas as dimensões incomensuráveis do território a que presidia, constituído por todo o mundo conhecido fora das fronteiras da Grécia. No entanto, no imaginário grego do séc. IV a. C., estava estabelecido o contraste entre a debilidade luxuosa do oriente e a vitalidade máscula e sóbria dos europeus. Para os autores de referência na Grécia, os Persas tinham um comportamento de bárbaros, excessivo no que respeita a luxo, sexo e exageros alimentares.

valores de consumo; antes (34. 1), “depois de ter sido proclamado rei da Ásia, fez sacrifícios magníficos aos deuses e aos amigos presenteou-os com dinheiro, propriedades e o governo de províncias”²². Alexandre dividia agora os bens e o poder de que ele mesmo passava a ser detentor, a sua generosidade ganhava um sentido ainda mais concretamente político. A ocupação, que se seguiu à vitória militar das que tinham sido cidades capitais do império persa – Susa, Persépolis e Pasárgadas – desvendou ainda outros tesouros acumulados que passaram a constituir património do conquistador (35. 1-2, 37. 4), e hábitos ou rituais da tradição real persa. Além de dinheiro, mobiliário, púrpuras de uma abundância e riqueza incalculáveis, encontraram-se, incluídos nos tesouros, vasos de água trazidos de longínquas paragens – do Nilo ou do Istro (Danúbio) – como símbolo do poder e autoridade persas sobre esses territórios (35. 4). Com todos estes testemunhos da riqueza oriental, colhiam-se igualmente sinais de uma expressão cultural desconhecida.

Em todos estes momentos de revelação dos tesouros orientais, Plutarco faz questão de acentuar, a par da voracidade dos seus homens, a atitude mais sóbria e ponderada do rei; deixa clara esta diferença quando relata, por exemplo, a solução de utilidade para um cofre precioso confiscado a Dario (26. 1-2); a todas as propostas apresentadas, Alexandre respondeu com a decisão de que tão precioso objecto combinava com o mais precioso dos bens do espírito ocidentais, a *Ilíada*; e aí passou a depositar uma edição do célebre poema homérico, anotada por Aristóteles, que o acompanhava como uma cartilha de guerra.

Em contrapartida, os termos em que Plutarco se refere à orientalização das massas, representadas pelo exército, são reprovadores perante a cedência a hábitos de vida que não se conciliavam com os europeus (40. 1): “Todos aqueles que o cercavam tinham adquirido hábitos faustosos e mostravam-se grosseiros nas extravagâncias e no tipo de vida que levavam”. Um consumismo desenfreado e de mau gosto é patenteado pelo uso de materiais preciosos para fins da maior banalidade, ou por produtos de importação ou raros para as necessidades mais mezinhas do quotidiano (pregos de prata nas botas, uso de mirra em vez de azeite no banho, 40. 1, por exemplo). Atrás dos excessos de comodismo, veio a inactividade que degradou por completo a ligeireza e o ideal com que a campanha tinha progredido com tanto sucesso. O próprio Alexandre ia adoptando, do contacto com a barbárie, comportamentos cada vez mais impulsivos e brutais. Talvez a mesma de decadência que justificou a queda do poder persa se reproduzisse nos vencedores (40. 2-3).

Uma tentativa política de fusão de costumes

Além da natural permeabilidade que o simples contacto entre duas realidades culturais proporcionava, Alexandre promoveu também uma aproximação consciente e de alcance político entre hábitos orientais e ocidentais (45. 1)²³. As

²² Cf. 39. 10 e a oferta feita a Parménion da casa de Bagoas, em Susa, e de todas as preciosidades que guardava.

²³ Frazier (1996, pp. 268-269) é de opinião que esta política de aproximação só surgiu ao tempo em que Alexandre se encontrava entre os Partos, já o trono da Pérsia lhe pertencia. Antes o que a

suas iniciativas, quando chegou a hora de acrescentar à conquista pelas armas a de uma verdadeira ocupação do território e da imposição de uma nova autoridade, não foi bem compreendida nem aceite pelos mais próximos e responsáveis dos seus companheiros, que viam na adopção de costumes orientais uma cedência aos vencidos e não a marca de uma conciliação com um outro alcance. Três estratégias foram desencadeadas por Alexandre: a da adopção do traje oriental, de que ele mesmo deu exemplo e que desejou fosse seguida por outros Macedónios, o ritual de vénia perante o rei, um costume persa expressivo de subserviência, que os europeus repudiaram intransigentemente, e os casamentos com mulheres orientais, como sinal de uma fusão mais consistente fundada no próprio sangue comum.

É de um modo simbólico que Plutarco põe em consideração pela primeira vez a questão do traje que distinguia os dois exércitos. Preparava-se o grande recontro dos Macedónios contra Dario, quando, no que parecia uma brincadeira, combatentes macedónios se dividiram em duas facções, sob o comando de alguém a quem chamaram Alexandre num caso e Dario no outro, e que se enfrentaram. Venceu o que se intitulava Alexandre, no que foi tomado por um presságio. Ao vencedor foi concedido, como prémio, “o direito de usar traje persa” (31. 5). Plutarco antecipava, como característica do vencedor, a assumpção do traje persa, admitindo que o domínio só estava de facto consumado depois que a fusão cultural tivesse sido conseguida. Alexandre não deixou, também nesta perspectiva, de procurar impor progressivamente um modelo que representava o lema de uma política. Em Gaugamelos, no confronto decisivo contra Dario, apareceu de “túnica siciliana cintada e, por cima, um colete duplo de linho, do saque de Isso” (32. 8). E depois que se tornou rei da Ásia, de facto adoptou trajes asiáticos, ainda que sempre salvaguardando alguma moderação conveniente à sobriedade de origem (45. 2): “Nunca aceitou o famoso modelo de traje medo, que para ele era completamente bárbaro e estranho; nunca usou calças, nem túnica de mangas, nem tiara; adoptou um padrão intermédio entre o persa e o medo, mais simples do que o primeiro e mais aparatoso do que este último”.

Ao traje, o agora rei da Pérsia quis juntar outras práticas, que o acercassem mais dos seus novos súbditos, como a vénia diante do rei. Esta homenagem, consagrada pelo costume oriental, era limitada, pelos gregos, à divindade e inaceitável perante qualquer mortal²⁴. À medida que o esforço de aproximação se foi reforçando, e o prestígio e autoridade do rei junto dos companheiros se foi quebrando, somaram-se reacções que demonstravam a dificuldade na assimilação das diferenças culturais. Mesmo um amigo tão próximo como Clito, a quem Alexandre devia a vida quando um golpe inimigo a ameaçava na batalha de Granico, bradou o repúdio por tais práticas e não se coibiu de reclamar em público

autora sublinha é o tratamento radical contra as capitais persas, Susa, que é pilhada (36), e Persépolis, que é incendiada (38). E põe restrições ao sentido dos objectivos pretendidos. Nunca se tratou, segundo Frazier, de conseguir uma verdadeira *koinonia*, ou seja, uma unificação da iniciativa de um civilizador; “a *koinonia* que ele se esforça por estabelecer não pode comparar-se a uma fusão; não passa de uma banal submissão voluntária dos vencidos aos vencedores”.

²⁴ Whitmarsh (2002, p. 184) vê nesta exigência de Alexandre um sinal de decadência e de adesão à “barbárie oriental”.

exprimindo decerto a opinião de muitos (51. 5): “que não convidasse para a mesa homens livres, a quem assistia o direito de dizer o que pensavam; que vivesse entre bárbaros e escravos, que se curvavam diante do seu cinto persa e da túnica branca que usava”. A ele se juntou Calístenes, também radical na recusa por tal prática (54. 3-6). Para Alexandre, a vénia representou um acto político de um certo alcance – a submissão dos inimigos e a adaptação progressiva dos seus homens a uma nova cultura – e uma fonte de dificuldades: dispensar dela os Persas era prescindir do seu ascendente de rei; exigí-lo aos Gregos uma imposição intolerável e que lhe valeu fracturas com os mais leais dos seus companheiros. Se os mais familiarizados com o Oriente reagiam com violência à vénia, não admira a incompreensão total com que a olhavam os recém-chegados à Ásia, transmitindo de alguma forma a posição da retaguarda. Foi o caso de Cassandro, que “ao ver uns bárbaros prostrarem-se diante do rei, ele que tinha sido educado à grega e nunca tinha visto semelhante protocolo, desatou a rir em ar de troça” (74. 2).

Por fim, os casamentos entre elementos das duas culturas representavam uma ligação extrema e que se desejava sólida. Alexandre tomou a iniciativa ao desposar formalmente Roxana, filha de Oxiartes, um nobre da Bactriana (47. 7-8). Mais tarde promoveu um processo mais amplo arrastando para a mesma prática uma centena dos seus homens; foram as chamadas bodas de Susa (70. 3). Mas também neste caso, o resultado pretendido ficou muito incompleto, pela morte de muitos desses homens pouco tempo depois, ou pelo repúdio das esposas persas, depois da morte de Alexandre, por muitos dos que sobreviveram à guerra.

Tem sido sempre louvada a riqueza e variedade de elementos que tornam a *Vida de Alexandre* um texto particularmente bem sucedido dentro das *Vidas paralelas* de Plutarco. Uma profusão de anedotas coloca em evidência, para além das características pessoais do biografado, factores de importância cultural, tanto mais relevantes num mundo onde o cosmopolitismo era de regra. A par dessa profusão de práticas e costumes em contacto e, muitas vezes em divergência, torna-se possível obter aquilo que Lamberton (2001) 100 considera uma das riquezas relevantes desta narrativa: a de constituir um retrato dinâmico, que regista a evolução de um carácter em função da sua multividência e abertura a novos mundos.

Referências bibliográficas

- Carney, E., Ogden, D. (2010). *Philip II and Alexander the Great. Father and son, lives and afterlives*. Oxford: University Press.
- Engels, J. (2010). Macedonians and Greeks. In J. Roisman & I. Worthington (Eds.), *A Companion to Ancient Macedonia* (pp. 81-98). United Kingdom: Blackwell.
- Frazier, F. (1996). *Histoire et morale dans les Vies parallèles de Plutarque*. Paris: Les Belles Lettres.
- Gilley, D. L., Worthington, I. (2010). Alexander the Great, Macedonia and Asia. In J. Roisman & I. Worthington (Eds.), *A Companion to Ancient Macedonia* (pp. 186-297). United Kingdom: Blackwell.
- Lamberton, R. (2001). *Plutarch*. New Haven and London: Yale University Press.
- Nawotka, K. (2010). *Alexander the Great*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Nikolaidis, A. G. (1986). Ἑλληνικός – βαρβαρικός. Plutarch on Greek and Barbarian characteristics. *WS*, 20 (99), 229-244.
- Russell, D. A. (1973). *Plutarch*. London: Duckworth.
- Whitmarsh, T. (2002). Alexander's hellenism and Plutarch's textualism. *CQ*, 52. 1, 174-192.

Resumo

Alexandre da Macedónia, justo merecedor do título de Magno, representou para o mundo seu contemporâneo um derrubar de fronteiras, políticas e culturais, que transformou os limites entre a Europa, Ásia e África. Mais do que as vitórias militares, em que o jovem rei se mostrou exímio estratega, vai interessar-nos o plano que forjou de modo a criar uma verdadeira fusão política e cultural entre os povos conquistados. Apesar das barreiras que vontades adversas lhe opuseram, Alexandre conseguiu, mesmo assim, que o mundo que deixou, precocemente, se tivesse para sempre modificado.

Abstract

Alexander of Macedonia, justly entitled the Great, represented to his contemporary world a breakdown of political and cultural borders, having transformed the limits between Europe, Asia and Africa. More than the military victories, in which the young king proved himself a master strategist, we will be interested in the plan he has forged in order to create a true political and cultural fusion among the conquered peoples. In spite of the barriers that adverse oppositions had set against him, Alexander succeeded, nevertheless, in forever changing the world, which he left at an early age.